



SURDO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE SAÚDE

Autor (1) Denise Cristina Ferreira; Kaio Santos Diniz (1); Patrícia de Lima Martins (2); Patrícia Oliveira Santana dos Santos (3)

- 1- *Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG e professora dos cursos de saúde da União de Ensino Superior de Campina Grande – Unesc Faculdades;* denisecristina20_cg@hotmail.com.
- 1- *Mestrando em geografia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.* kaiosd@hotmail.com.
- 2- *Mestre Ciências Agrárias e professora dos cursos de saúde da União de Ensino Superior Unesc-Faculdades.* plimamartins@yahoo.com.br
- 3- *Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.* paty_sfc@hotmail.com

Resumo

Refletir sobre educação e inclusão social dentro do contexto político e cultural nos cursos de ensino superior se faz de modo importante e prioritário. Sabendo que o contexto de trabalho o qual esse profissional irá participar se insere num campo dinâmico e diverso. Diante disto, pensar sobre a condição do surdo na sociedade a partir do olhar e participação dos profissionais da saúde é essencial, uma vez que, estes atores sociais foram por muito tempo colocado à margem da sociedade. Por isso, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a formação inclusiva do profissional da saúde para lidar com o surdo na sociedade e no exercício do seu trabalho. Diante da seguinte indagação: os estudantes de graduação em saúde possuem noções para lidar com o surdo? Essa questão norteou o desenvolvimento deste trabalho, através de leitura especializada sobre o assunto como: artigos científicos, livros e pela análise qualitativa de entrevistas através questionários respondido por vinte alunos do curso de saúde de uma instituição de ensino superior de Campina Grande –PB, apresentamos alguns dados acerca desta realidade social na intenção de uma possível reflexão. Tendo em vista que foi desenvolvida uma análise micro na intenção de trazer reflexões pertinentes acerca da condição do surdo na sociedade. Portanto, constatou-se a existência de certa limitação nos cursos de saúde acerca da maneira como lidar com o paciente surdo. Tendo em vista, que eles não possuem nenhum conhecimento prévio acerca de como se comunicar com tal grupo. Por fim, pretende-se com este trabalho contribuir com pesquisadores que se interessam pela área.

Palavras – Chave: Surdo; Saúde; Educação; Sociedade.

Introdução

A história social durante muito tempo foi marcada pela negação de indivíduos que não eram considerados “normais”, sendo assim excluídos socialmente ou pela cor da pele, ou pela



classe social, ou até mesmo por apresentar alguma limitação física. Diante disto, nossa sociedade foi marcada por muitos destes momentos que de alguma maneira ainda reflete na sociedade atual na condição daqueles que são diferentes, como exemplo do surdo. Pensar a condição destas pessoas no campo da sociabilidade é fundamental, uma vez que, o processo educacional deve caminhar dentro deste processo de discussão e aceitação do outro.

Quando nos referimos aos surdos é importante situa-los dentro do contexto histórico social, cultural, educacional, político e econômico. Sabendo que por muito tempo os surdos foram considerados como “incapazes”, “deficientes” e sem “utilidade social”. Conforme, Dias (2006) até meados do século XVI os surdos eram vistos como ineducáveis e sem utilidade a sociedade. Devido a isto, enfrentavam o preconceito, a piedade, o descrédito e até mesmo a denominação de loucos.

E foi através da experiência do médico pesquisador italiano Gerolano Cardano (1501-1576), que ele concluiu a surdez como algo que não prejudicava o aprendizado, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar suas vontades (JANNUZZI, 2004). Dando continuidade a partir disto começou a pensar em perceber o surdo a partir de observações e ao longo do tempo foi ficando perceptível que eles se comunicavam por meio de gestos. E esses gestos foram sendo aperfeiçoados e essa proposta previa que educadores deveriam aprender os sinais dos surdos, com o objetivo de ensinar sobre a sociedade de modo geral (LACERDA, 1998). Desta forma, neste período vimos surgir a Língua de Sinais, como meio de favorecer o ensino da língua falada.

No entanto, a sociedade atual vem aos poucos se inserindo numa discussão acerca da importância da inclusão social, do estudo das diferenças e entre outros. Sabendo que os centros de educação vêm aos poucos se inserindo num debate importante acerca da inclusão social. Já são discutidos entre os alunos da área de saúde diversos temas que tem como foco principal pensar as diferenças.

Este estudo teve a pretensão de tratar da importância do conhecimento da comunicação dos estudantes do curso de saúde com pessoas surdas. Uma vez que é fundamental que este estudante se prepare para lidar com a diferença no seu campo de trabalho. Para isso, tivemos como objetivo geral, entender se os estudantes de saúde possuem alguma habilidade de comunicação para lidar com o surdo.

A partir daí traçamos alguns objetivos como: Perceber a postura do aluno acerca da diferença; analisar seus conhecimentos prévios para lidar com esse grupo; entender se existe



alguma curiosidade do aluno acerca desta temática. A partir daí numa amostra de dez alunos dos cursos de fisioterapia e enfermagem tiramos algumas reflexões acerca de tal temática.

A diversidade na sociedade é algo que deve ser pensando e debatido nos cursos de saúde a ponto de formar profissionais para uma prática humanizada. Desta maneira Mynaio (2003) retrata que a presença das ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia, economia, política, história, filosofia, ética, estética) foram se consolidando como fundamentais para a compressão da vida, do trabalho, do adoecimento e até mesmo para repensar as diferenças na sociedade.

O antropológico brasileiro considerado importante na contemporaneidade Magnani (2007) escreveu um trabalho significativo com os surdos, procurando perceber o processo de sociabilidade entre os surdos. Tal trabalho foi desenvolvido através de uma etnografia das festas juninas dos surdos. E logo no início a proposta do autor é demarcar as diferenças entre as expressões “deficiente auditivo” e o termo “surdo”, uma vez que, é um termo que ainda gera muita confusão na sociedade.

Assim, ainda que no senso comum "deficiente auditivo" e "surdo" sejam tomados como sinônimos ou como índices de grau, eles apontam para campos de reflexão, atuação e atitudes diferentes. Se na área das ciências da saúde, por exemplo, esta condição é predominantemente encarada como uma falta, nas ciências humanas e sociais (linguística, história, antropologia, pedagogia, ciências cognitivas e da mente) a tendência é encará-la sob o ângulo de uma marca distintiva, geradora de formas de comunicação, relações, valores, práticas e comportamentos específico (MAGNANI, 2007, p.02).

De acordo com o autor ainda prevalece de alguma maneira no senso comum a concepção de que a surdez na sociedade ainda é considerada uma patologia. O que de certa maneira impossibilita a maneira como “nós” podemos perceber o “outro”. Na sua pesquisa constatou a importância da música e dos festejos junino entre os surdos, como forma de lazer. Existindo assim uma comunidade surda ou uma cultura surda que faz parte da sociabilidade destas pessoas.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho primeiramente trabalhamos com a leitura especializada acerca do tema. Levando em consideração a contribuição de artigos científicos,



revistas científicas, livros e outras fontes primárias para se pensar na situação histórica social do surdo na sociedade. Em seguida traçamos um questionário que versou sobre perguntas fundamentais acerca do conhecimento do estudante de saúde sobre a comunicação com o surdo.

Tendo em vista um universo de pesquisa amplo fizemos, um recorte para a aplicação de um questionários com dez alunos estudantes dos cursos de enfermagem (noturno) e dez alunos do curso de fisioterapia (noturno), somando um total de 20 alunos. Levando em consideração faixa etária diversidade e ambos os gêneros sexuais. Como maneira de manter a integridade das pessoas e das suas respostas, atribuímos divisões dos alunos a partir das siglas dos cursos, seguidas de numerações.

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa descritiva de análise qualitativa, pois através da coleta de dados pelo questionário e entrevistas pudemos apreciar as respostas a fim de apresentar dados consistentes acerca da percepção dos alunos de como lidar com o surdo no desempenho do seu trabalho.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ele se ocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MYNAIO, 2010, p 21).

Por pesquisa qualitativa entende-se a análise e interpretação de fenômenos. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave para a análise (GIL, 2006).

Resultados

Os resultados obtidos da pesquisa foram realizados mediante as respostas elaboradas pelos 20 estudantes dos cursos de saúde de uma instituição de curso superior da cidade de Campina Grande-PB. Os dados levantados estão pautados na preocupação do desempenho do trabalho do profissional da saúde com o surdo. Responderam os questionários dez estudantes do curso de fisioterapia, sendo seis destas mulheres e quatro homens com faixa etária diversificadas que variam entre 19 à 40 anos de idade. Já os do curso de enfermagem que responderam ao questionário foram todas do sexo feminino com faixa etária entre os 20 aos 35 anos.

Os estudantes foram denominados nos seus questionários por F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7, F8, F9 e F10. E os estudantes de Enfermagem como E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 e E10. Essa foi uma maneira de deixá-los mais livres para responder ao questionário que versou sobre as seguintes indagações: O que você entende por surdez? Quem são os surdos na sociedade na sua ótica? De que maneira você como profissional da saúde pretende lidar com essa pessoa? Você se sente preparado para lidar com esse indivíduo? Como você vê o indivíduo portador de tal limitação? Você considera a sua educação, uma educação inclusiva? Como você acha que vem acontecendo à comunicação dos profissionais da saúde com os surdos? Você já ouviu falar de que maneira o SUS vem trabalhando com esse tipo de inclusão? Você conhece o termo Libras?

Mediante tais indagações tivemos as mais variadas respostas nas entrevistas. Pudemos perceber que dos vinte estudantes entrevistados 18 deles nunca tiveram contato com um surdo. Muitos deles alegam nunca terem encontrado, ou até mesmo não prestar a atenção nestas pessoas nos lugares por onde eles andam. Essa é uma afirmação do aluno de seu desconhecimento é preocupante, já que de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo populacional realizado no ano de 2000, existem 24,6 milhões de pessoas com deficiência no país. Desses deficientes, cerca de 6 milhões de pessoas têm alguma forma de deficiência auditiva, das mais simples até a surdez total. Estes números nos mostram a grande quantidade de deficientes auditivos e surdos no país e este é um fato que não pode ser ignorado pela sociedade.

Discussão

Pensar a condição do surdo é de extrema necessidade já que percebemos ainda muitas dificuldades acerca da participação deste indivíduo nos diversos setores da sociedade. A comunicação com esse grupo é de fundamental importância, principalmente quando nos referimos a saúde. A necessidade destes que precisam do atendimento é crucial e fica clara nas falas e respostas entre estes alunos em processo de formação que as dificuldades são as maiores para lidar com pessoas com tais limitações. “agora depois desta conversa, entrevista e questionário pensando, como irei lidar com o surdo? Como profissional da fisioterapia é preciso conhecer melhor meu paciente (F3)”. Essa é uma das respostas e ao mesmo tempo reflexão de uma das entrevistadas. Os alunos (F1, F2 e F4) frisaram o fato de nunca terem encontrado ou até mesmo tentado prestar a atenção num surdo. Os alunos tanto dos cursos de Fisioterapia como de Enfermagem disseram também nunca terem tido uma aproximação com a (LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais).

Notamos o desconhecimento do aluno acerca do surgimento das libras que foi regulamentada em 2002, como meio oficial de comunicação com pessoas surdas. Eles alegam não terem a menor noção de tal língua. Outra informação pertinente estes os estudantes de Enfermagem foi a de fato curiosidade de saber como lidar com pessoas deste universo “eu não saberia lidar de forma alguma com um paciente surdo, fico pensando num momento de acompanhamento de um pré-natal” (E8).

Esta foi a resposta de uma aluna do curso de enfermagem que levanta a indagação de como de fato trabalhar com um paciente que esta grávida, mas não fala. Entre os estudantes de enfermagem as respostas são equivalentes ao curso de fisioterapia. “eu não reparo, nestes indivíduos” (E5), veja como este aluno se coloca mediante a condição do surdo na sociedade. “eu de fato não sei me comunicar, acho que tentaria encontrar o problema dele observando é o máximo que poderia fazer” (E6). Como estamos percebendo a educação ainda requer certas mudanças para de fato ser considerada inclusiva, uma vez que, deixa a formação destes profissionais ainda requer mais habilidades para lidar com tais situações. Então, por fim percebemos muitos os desafios que ainda se tem no campo da saúde, quando nos referimos à inserção do surdo na sociedade.

Conclusões

Atualmente o Brasil depara-se com um novo paradigma o da Inclusão Social dos portadores de necessidades especiais na busca de uma escola para todos, sem separações de sexo, raça, classe social para uma abordagem de educação inclusiva que está aberta para colher as diferenças. Isso significa atentar para as mudanças e diferenças dessa forma a inclusão social torna-se um direito adquirido no o cenário brasileiro. (MENEZES, 2006).

Por tanto nossa pesquisa concluiu a necessidade da implementação do conhecimento das Libras nos curso de saúde, assim também como um maior debate sobre tais indivíduos na formação destes profissionais. Mesmo sabendo que os parâmetros curriculares têm contribuído para uma formação humanizada é preciso ainda mais discussão para se pensar a situação do surdo na sociedade.

Sabendo que as necessidades de saúde de um surdo são as mesmas do ouvinte, sendo assim, a ausência de profissionais que saibam lidar com situações que envolve o mudo é fundamental e urgente. Uma vez que de acordo com a Lei das Libras em seu Art. 3º: “as instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor”.

Desta forma torna-se pertinente considerar que os profissionais de saúde precisam de alguma maneira deste suporte. E nossa proposta é que isso se inicie já nos cursos de graduação, no debate da inclusão e da participação do profissional da saúde nestas condições. Na intenção de que o profissional da saúde não se sinta constrangido e nem tão pouco incapaz mediante a lida com o mudo na sua vida profissional. Como foi constatado na pesquisa que foi realizada entre estudantes de graduação dos cursos de saúde.

Mesmo que muitas vezes possa ter um intérprete no local da assistência de saúde é fundamental que o profissional tenha conhecimento da Libras para se comunicar efetivamente com o Surdo, pois no momento da ausência do intérprete, o profissional precisa se comunicar com a pessoa que necessita do atendimento. Enfim, espera-se que este trabalho tenha contribuído com a comunidade acadêmica preocupadas com as discussões que permeiam a inclusão social.

Referências

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 05 de outubro de 1988: atualizada até a emenda Constitucional número 20, de 15 de dezembro de 1988. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2013.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental.** 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5º Ed. São Paulo: atlas, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação Popular e Educação de Adultos.** São Paulo: Loyola, 1973.

_____. **Educação e Mudança.** 15. ed. Paz e terra; Rio de Janeiro, 1988.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil:** dos primórdios ao início do século XXI. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004,243p.

LACERDA, C.B.F.de. A prática fonoaudiológica frente às diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo**, v.10, p.30-40, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Contribuições da Antropologia para pensar a saúde. IN: **Tratado de Saúde coletiva.** Org. CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; ARKEMAN, Marco; et. al. Editora: Huncitec, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Vai ter música?: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe** São Paulo, Vol. 01. Julho de 2007. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1239>. Acesso em: 12/08/2016.